

SEBA CALFUQUEO

A VOZ DO RIO

21.10.23 - 16.12.23

GALERIA
MARILIA
RAZUK

A voz do rio

“No Chile, o Código das Águas de 1981, redigido durante a ditadura de Pinochet, ainda está em vigor. Esse documento define as águas do Chile como um bem comercializável”. Começa assim o texto, escrito por Seba Calfuqueo, que funciona como um contraponto às imagens de seu corpo imerso nas águas do rio Cautín e literalmente atado à natureza que o rodeia, em Kowkülen (Ser líquido), vídeo performance de 2020. Nesse trabalho, a artista propõe um percurso que é ao mesmo tempo pelo rio e pelo seu próprio corpo, numa associação entre a fluidez da água e a de sua identidade recorrente na sua produção recente, e que a leva a questionar criticamente as estruturas binárias impostas por ordens coloniais de vários tipos e as consequências da predominância dessas estruturas na sociedade global e também no específico da cultura mapuche contemporânea, algo que a artista já havia abordado num de seus primeiros trabalhos, *You Will Never Be a Weye*, de 2015. Como a própria Seba já afirmou, o conjunto de sua obra constitui, para ela e simbolicamente para toda a comunidade mapuche, uma maneira de se “apropriar de uma história e de um lugar que historicamente nos foram negados”. *A Voz do Rio*, sua primeira exposição na Galeria Marilia Razuk, ratifica essa estratégia de reapropriação do território e das tradições através de um conjunto de trabalhos bastante diversos do ponto de vista dos materiais e das técnicas utilizadas, mas extremamente coerente na relação com a água, elemento central na cosmologia e na cultura mapuche.

A maneira como Seba consegue abordar ao mesmo tempo questões de gênero e raça, debates culturais locais e globais e ameaças sociais e ecológicas urgentes e universais, constitui provavelmente uma das marcas mais reconhecíveis e fascinantes de seu trabalho. *Tray Tray Ko*, 2022, o outro vídeo incluído na exposição, explicita essas relações de maneira poética e lírica. A verdadeira protagonista da obra é *trayenko*, a cachoeira para onde a artista se dirige em sua ação, um espaço sagrado onde se dão muitos rituais e práticas do povo mapuche, tanto pela presença das águas em si quanto pela abundância de *lawen*, plantas medicinais e curativas que crescem na beira das pequenas represas que se formam perto dos *trayenko*. Ao carregar um longo manto da cor azul, que serpenteia pela floresta como se fosse um segundo rio, a artista explicita novamente a inseparabilidade de seu corpo da natureza e dessa, por sua vez, das práticas ancestrais de seu povo. Em outras palavras, o corpo de Seba Calfuqueo é, literalmente, parte integrante e incindível do território mapuche.

Perfeitamente consciente das lógicas capitalistas que definem, de maneira quase sempre imediatista e desastrosa, a relação com o meio ambiente no Chile, na América Latina e na maioria dos países do mundo todo, a artista criou também um conjunto de maquetes de usinas hidrelétricas, três localizadas no Chile e duas no Brasil, que ocupam o centro da sala, quase a reafirmar a centralidade incontornável dessa lógica em qualquer contexto. As maquetes funcionam também, de certa forma, como monumento silencioso e mínimo às lutas de povos originários, não apenas no Chile, contra obras de infraestrutura predatórias como as hidrelétricas, apresentadas frequentemente como “energia verde”, mas que costumam trazer, nas palavras da artista, “impactos ambientais nefastos, destruindo a cosmologia indígena que entende o território como parte de seu próprio corpo”. Uma das usinas reproduzidas, talvez a mais simbólica, é a da Central Ralco, localizada em Alto Bío Bío, parte do território mapuche/pewenche no sul do Chile, instalada apesar das manifestações e dos esforços das mulheres da comunidade mapuche local, que tentaram sem sucesso defender o *lefwü* [rio] da empresa espanhola/italiana Endesa, que acabou inundando um território indígena onde está também localizado, hoje debaixo d’água, um cemitério com mais de 700 corpos.

Os rostos dessas mulheres, a memória de sua luta e, simbolicamente, dos corpos mapuche recorrentemente violentados, apagados e enterrados desde o início da colonização, são o tema da série de desenhos que é também o conjunto de trabalhos que conecta de forma mais direta o âmbito espiritual e quase místico dos vídeos com o explicitamente militante das maquetes. A saga das mulheres que lutam para proteger um espaço que é sagrado e intocável porque é, também, parte integrante de um corpo coletivo e comunitário que as define e do qual elas são inseparáveis, é o lugar onde os dois polos que delimitam o espaço em que se dá a obra de Seba Calfuqueo se encontram. Uma obra que, como o manto azul que a artista carrega, feito um rio, em *Tray Tray Ko*, serpenteia e se molda ao lugar onde aparece e toca técnicas e questões distintas, conseguindo assim ser uma e, ao mesmo tempo, muitas.

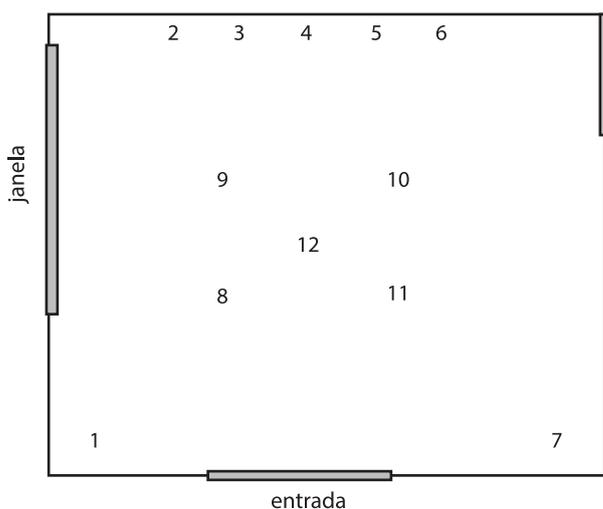
Jacopo Crivelli Visconti

Seba Calfuqueo (Ela/Elu, Santiago, Chile, 1991).

Artista visual e curadora, vive e trabalha em Santiago, Chile, é membro do coletivo Mapuche Rangitulewfu e da Revista Yene. Possui graduação e mestrado em Artes Visuais pela Universidade do Chile.

De origem Mapuche, seu trabalho recorre ao seu patrimônio cultural como ponto de partida para propor uma reflexão crítica sobre o status social, cultural e político do sujeito Mapuche na sociedade chilena contemporânea. Seu trabalho inclui instalações, cerâmicas, performances e vídeos, com o objetivo de explorar as semelhanças e diferenças culturais entre o cruzamento de formas de pensar indígenas e ocidentais, bem como seus estereótipos. Seu objetivo também é tornar visíveis as questões relacionadas ao feminismo e à teoria queer.

Seu trabalho faz parte de importantes coleções como Centre Pompidou (França), Museo MALBA (Argentina), Museo Thyssen-Bornemisza (Espanha), coleção KADIST (França), Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (MAC-RS, Brasil), Museo Nacional de Bellas Artes e MAC (Chile), entre outros. Participou da 34ª Bienal de São Paulo, 12ª Bienal do Mercosul e 22ª Bienal Paiz (Guatemala). Recebeu o Premio Municipalidad de Santiago em 2017 e o Prêmio Fundación FAVA em 2018. Em 2021, foi premiada com as bolsas Fractal, da Eyebeam, e, em 2023, pela Fundación Ama Amoedo, a FAARA.



1. *TRAY TRAY KO*, 2022. Video performance. 6', 4K ed. 3/5
2. *Série "A voz do rio", Mulheres Mapuche protestando contra a central Ralco*, 2023. Acrílica e pigmentos s/ papel arches aquarelle grano satinado 300 grs. 88.5 X 69.5 cm
3. *Série "A voz do rio", Nicolasa contra força policial e instalação da central Ralco*, 2023. Acrílica e pigmentos s/ papel arches aquarelle grano satinado 300 grs. 88.5 X 69.5 cm
4. *Série "A voz do rio", Berta e Nicolasa contra a instalação de Ralco frente a Moneda (Palácio Presidencial)*, 2023. Acrílica e pigmentos s/ papel Arches Aquarelle grão acetinado 300 grs. 88.5 X 69.5 cm
5. *Série "A voz do rio", Nicolasa Quintreman em memória ao rio*, 2023. Acrílica e pigmentos s/ papel arches aquarelle grano satinado 300 grs. 88.5 X 69.5 cm
6. *Série "A voz do rio", Cemitério indígena embaixo d'água até hoje na central Ralco*, 2023. Acrílica e pigmentos s/ papel arches aquarelle grano satinado 300 grs. 88.5 X 69.5 cm
7. *Kowkülen (Ser Líquido)* 2020 Video, 3', 4K ed. 4/5
8. *Série BARRERAS, Central Angostura*, 2023. Cerâmica esmaltada a 1060°. 20 x 20 x 9 cm
9. *Série BARRERAS, Central Itaipu*, 2023. Cerâmica esmaltada a 1060°. 20 x 20 x 9 cm
10. *Série BARRERAS, Central Belo Monte*, 2023. Cerâmica esmaltada a 1060°. 20 x 20 x 9 cm
11. *Série BARRERAS, Central Pangué*, 2023. Cerâmica esmaltada a 1060°. 20 x 20 x 9 cm
12. *Série BARRERAS, Central Ralco*, 2023. Cerâmica esmaltada a 1060°. 20 x 20 x 9 cm